

MATERNIDADE E PRÁTICA DOCENTE NA PANDEMIA: RELATOS DE EXPERIÊNCIA PARA REFLETIR

MATERNITY AND TEACHING PRACTICE IN THE PANDEMIC: EXPERIENCE REPORTS TO REFLECT ON

MATERNIDAD Y PRÁCTICA DOCENTE EN LA PANDEMIA: RELATOS DE EXPERIENCIA PARA REFLEXIONAR

Bruna Ingrid de Jesus Silva

Mestranda em Educação e Formação Humana, Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG),
Ribeirão das Neves, Minas Gerais, Brasil.

ORCID <https://orcid.org/0000-0002-3118-1495>

E-mail: brunaingridjs@gmail.com

Márcia de Souza dos Santos

Mestranda em Educação e Formação Humana, Universidade Estadual de Minas Gerais (UEMG),
Professora alfabetizadora da rede municipal de Ensino da PBH, Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil,

ORCID <https://orcid.org/0000-0003-4061-2311?lang=pt>

E-mail: marciass.star@gmail.com

Ana Carolina Martins da Silva

Doutora em Letras, Profa. Adjunta da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs), docente
do Mestrado Profissional em Educação da Uergs. Brasil.

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-5786-6636>

E-mail: ana-martins@uergs.edu.br

RESUMO

O objetivo deste artigo é analisar o percurso de duas mulheres mães, considerando os seus relatos de experiência. Descrever o que têm vivido durante a pandemia na condição de mães; e se, e como, as Tecnologias Digitais de Informação e da Comunicação (TDICs) ofereceram possibilidades para a otimização de suas práticas, enfatizando a sua profissionalidade, os seus direitos e o seu bem-estar, ainda com crianças menores de 6 anos. No presente registro, descrevem-se os itinerários da maternidade antes da pandemia da COVID-19 e o início da maternidade junto com o da crise sanitária, na qual foram necessárias medidas de distanciamento social. Neste contexto, utiliza-se o relato de experiência do ponto de vista de Daltro e Faria (2019), ao levar em consideração que é um estudo qualitativo. A discussão evidenciou pontos em comum em ambos os relatos, ao refletir sobre a polivalência e a sobrecarga feminina. O lastro teórico permitiu discorrer sobre o papel da mulher na divisão do trabalho, questões sobre a sociedade patriarcal, e refletir sobre os benefícios do uso das TDICs durante o ensino remoto, apontando também as problemáticas associadas a este uso, advindas das diferenças econômicas. As considerações finais apontam para a relevância das discussões sobre gênero, pandemia, classes sociais, maternidade e polivalência feminina e sobre o espaço de compartilhamento com a comunidade para que outras aprendizagens sejam fomentadas, dentro dos mais diversos contextos, a partir da inclusão das TDICs nos processos.

Palavras-chave: Pandemia; Maternidade; Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação; Gênero.

ABSTRACT

The purpose of this article is to analyze the trajectory of two women mothers, considering their experience reports. Describe what they have experienced during the pandemic as mothers; and if,

and how, Digital Information and Communication Technologies (TDICs) offered possibilities for optimizing their practices, emphasizing their professionalism, rights, and well-being, even with young children under 6 years old. In the present record, the itineraries of maternity before the COVID-19 pandemic and the beginning of maternity are described together with the beginning of the health crisis, in which social distancing measures were necessary. In this context, the experience report from the point of view of Daltro and Faria (2019) is used, considering that it is a qualitative study. The discussion highlighted commonalities in both reports, reflecting on the polyvalence and female overload. The theoretical background allowed to discuss the role of women in the division of labor, questions about the patriarchal society, and to reflect on the benefits of the use of TDICs during remote teaching, also pointing out the problems associated with this use, arising from economic differences. The final considerations point to the relevance of discussions about gender, pandemic, social classes, motherhood, and female versatility and about the space for sharing with the community so that other learning can be fostered, within the most diverse contexts, from the inclusion of TDICs in the processes.

Keywords: Pandemic; Motherhood; Digital Information and Communication Technologies; Gender.

RESUMEN

El propósito de este artículo es analizar la trayectoria de dos mujeres madres, considerando sus relatos de experiencia. Describir lo que han vivido durante la pandemia como madres; y si y cómo las Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación (TDIC) ofrecieron posibilidades para optimizar sus prácticas, enfatizando su profesionalismo, sus derechos y su bienestar, incluso con niños menores de 6 años. El presente registro describe los itinerarios de la maternidad antes de la pandemia del COVID-19 y el inicio de la maternidad juntamente con el de la crisis sanitaria, en la que fueron necesarias medidas de distanciamiento social. En este contexto, se utiliza el relato de experiencia desde el punto de vista de Daltro y Faria (2019), teniendo en cuenta que se trata de un estudio cualitativo. La discusión resaltó puntos en común en ambos relatos, reflexionando sobre la polivalencia y la sobrecarga femenina. Las bases teóricas permitieron discutir el papel de la mujer en la división del trabajo, cuestiones sobre la sociedad patriarcal y, también, reflexionar sobre los beneficios del uso de las TDIC durante la educación a distancia, señalando los problemas asociados a este uso, derivados de diferencias económicas. Las consideraciones finales apuntan a la pertinencia de las discusiones sobre género, pandemia, clases sociales, maternidad y polivalencia femenina; y sobre el espacio de compartir con la comunidad para que se fomenten otros aprendizajes, en los más diversos contextos, a partir de la inclusión de las TDIC en los procesos.

Palabras-clave: Pandemia; Maternidad; Tecnologías Digitales de la Información y la Comunicación; Género.

INTRODUÇÃO

Em 2019, surge o vírus SARS-COV-2, da família dos coronavírus que, ao infectar humanos, causa uma doença chamada Covid-19. Por ser um microrganismo que até pouco tempo não era transmitido entre humanos, ele ficou mundialmente conhecido, no início da pandemia, como o “novo coronavírus”. Apareceu na cidade de Wuhan, na China (WHO, 2020), de onde se espalhou pelo mundo inteiro; chegou ao Brasil no início de 2020, aterrorizando e modificando a vida da população em função de sua rápida proliferação e de sua capacidade exterminadora.

Neste contexto, de acordo com os dados estatísticos do IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2022), o panorama de natalidade também foi afetado, pois constatou-se um decréscimo nos números. Em 2019, a taxa bruta de natalidade estava em 12,70% e, em 2020, caiu para 12,53% em Minas Gerais. Indica-se que muitas famílias cancelaram ou adiaram o plano de ampliação da família devido à crise sanitária nesses últimos dois anos, ficando evidente que a perspectiva para os próximos trinta e seis anos é de que a taxa de natalidade continue diminuindo e a taxa de mortalidade aumentando (IBGE, 2022).

As famílias que iniciaram o plano de ampliação em 2019, ou mesmo as que enfrentavam casos de gravidez não programada, no ano seguinte, a partir de fevereiro, foram surpreendidas com a força avassaladora do vírus. Para quem já tinha filhos, o isolamento trouxe mudança de rotina e outros agravantes no processo.

As produções científicas de diversas áreas buscam investigar as consequências e sequelas dessa tragédia sanitária. Partindo desse pressuposto, em diálogo constante, formulamos os seguintes problemas de pesquisa: o que as nossas histórias profissionais e acadêmicas de vida têm experienciado durante a pandemia na condição de mães? Investigamos se as tecnologias digitais de informação e comunicação (TDICs) ofereceram possibilidades para a otimização de nossas práticas, enfatizando a profissionalidade, os direitos e o nosso bem-estar como mulheres. Se isso é verdade, como?

As Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDICs) estão incluídas em um grupo de tecnologias digitais “que permite a associação de diversos ambientes e pessoas por meio de dispositivos, equipamentos, programas e mídias” (TDIC NO..., s. d.). Essas tecnologias facilitam e otimizam a comunicação entre grupos e indivíduos. Seus meios de difusão de informação/mídia são: “computadores, tablets, celulares, lousas digitais, TVs, aparelhos de data show, entre outros” (TDIC NO..., s. d.). O site da SAE DIGITAL (Saber, Agir, Evoluir) dá conta de que:

TDIC são tecnologias que têm o computador e a Internet como instrumentos principais e se diferenciam das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pela presença do digital, sendo uma evolução delas, que por sua vez utilizam recursos de tecnologia para o processamento de

informações, incluindo softwares, hardwares, tecnologias de comunicação e serviços relacionados, mas não de maneira digital exclusivamente (TDIC NO..., s. d.).

Por conseguinte, nosso objetivo geral é apresentar essa temática ilustrada pelas vivências das autoras, o que temos experienciado durante a pandemia na condição de mães e se, e como, as TDICs ofereceram possibilidades para a otimização de nossas práticas, enfatizando a nossa profissionalidade, direitos e bem-estar. Duas das autoras têm ainda crianças menores de 6 anos de idade.

Partindo deste pressuposto, esse relato de experiência apresenta relevância social, de modo crítico e reflexivo, durante um fenômeno histórico social impactado pela pandemia da COVID-19, que promoveu desafios nunca imaginados e que ainda não terminaram.

Em relação à metodologia, esta é uma pesquisa qualitativa, na qual optamos por um estudo de natureza descritiva, utilizando o relato de experiência para discorrer de forma científica e crítica sobre duas mulheres mães, docentes e pesquisadoras, e nossas superações durante o confinamento doméstico imposto pela crise sanitária.

Judith Alves-Mazzotti e Fernando Gewandszajder (1998), ao descreverem os procedimentos para maximizar a confiabilidade de determinado trabalho científico, pontuam que a natureza das abordagens qualitativas, juntamente com a disseminação em áreas de conhecimento como a educação e a psicologia — enfoque especial à educação neste trabalho —, “exige que os pesquisadores que a adotam demonstrem preocupação com o rigor com que pretendem conduzir sua investigação” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 168).

Entre o tipo de abordagem, instrumentos e aportes teórico-metodológicos de análise, destacamos a pesquisa de abordagem qualitativa, utilizando como instrumento metodológico o relato de experiência (RE) para levantamento de dados a respeito do sujeito feminino em 4 dimensões: mulher, mãe, docente e pesquisadora. Os principais aportes teóricos foram os das pesquisadoras Louro (2007, 2008), Quirino (2015), Narvaz e Koller (2006), entre outras.

A validade científica do relato de experiência está amparada na ideia desenvolvida pelas professoras Mônica Ramos Daltro e Anna Amélia de Faria (2019),

da Escola Bahiana de Medicina e Saúde Pública, sobre o RE como narrativa científica na pós-modernidade. Na percepção das autoras, este tipo de metodologia se constitui “como mais uma possibilidade de criação de narrativa científica, especialmente no campo das pesquisas capazes de englobar processos e produções subjetivas” (DALTRO; FARIA, 2019, p. 224).

Seguindo essa linha de raciocínio, defendemos que o RE ultrapassa essa identidade descritiva, embora a contemple. Concebido como um estudo de natureza qualitativa, o RE caracteriza-se por uma multiplicidade de opções teóricas e metodológicas; e valoriza a explicitação descritiva, interpretativa e compreensiva de fenômenos, circunscritas em um tempo histórico. Partindo do pressuposto dessa explicitação descritiva é que, no próximo tópico, apresentamos o conceito de mãe e maternidade e assim buscamos dar voz às mulheres mães para contarmos um pouco de nossas experiências (autoras/mães). A sistematização dos relatos se produz no seu enfoque, voltado para as influências das TDICs nas experiências relatadas.

As vozes das mulheres mães: profissionais, pesquisadoras, polivalentes ou sobrecarregadas?

A palavra “mãe” gramaticalmente é um substantivo feminino que designa uma mulher que, através do seu ventre, ou pelo coração/sentimento, gera e zela por outras vidas. Uma palavra pequena, cujo significado no dicionário não consegue explicitar o seu tamanho simbólico, mas evidencia a variedade de significados que pode ter no sentido literal e figurado da palavra. O Dicionário Priberam (2022), por exemplo, apresenta a seguinte definição

1. Mulher que tem ou teve filho ou filhos.

2. Mulher que cria e educa criança ou adolescente que não foi gerado por ela, mas com quem estabelece laços maternos e a quem pode estar ligada por vínculos jurídicos (ex.: a mãe dele era solteira quando o adotou).

3. Animal fêmea que tem filho ou filhos.

4. [Figurado] Mulher carinhosa ou protetora.

5. [Moçambique] Tratamento respeitoso dirigido a mulher casada ou com alguma idade (ex.: está com pressa, mãe?). = SENHORA

6. [Figurado] Pessoa que chora facilmente.

7. [Figurado] Origem, causa, fonte (ex.: a ignorância é a mãe de muitos males).

8. Borra do vinho ou do vinagre no fundo do recipiente. = MADRE
9. [Brasil] Ser fantástico, espécie de sereia de água doce. = IARA, UIARA
adjetivo feminino
10. Que deu origem a outras coisas da sua espécie.
11. Que é considerada a principal entre outras do seu gênero.
(PRIBERAM, 2022, grifo nosso).

Por sua vez, a palavra “maternidade” apresenta menos possibilidades de significados: “1. Estado ou qualidade de mãe. 2. Vínculo de parentesco entre a mãe e o filho ou os filhos. 3. Estado ou condição da mulher grávida ou da mulher que deu à luz (PRIBERAM, 2022). Refletir sobre a definição das duas palavras supracitadas é essencial para compreender o papel que a mulher assume ao passar pela condição de mulher grávida ou, se o filho não foi gerado por ela, para a condição de mãe.

Na relação parental que se estabelece na família, a vida da mulher geralmente é a que sofre mais mudanças. A maternidade não exclui o fato de ser mulher e nem a sua condição de esposa/parceira/companheira de alguém; o que ocorre é um acúmulo de papéis que não se anulam, mas se sobrepõem constantemente. Pensar a representação individual para o papel dessa mulher no social, implica evidenciar que ela está inserida em uma “tradição patriarcal, machista de nossa sociedade, onde a mãe é considerada a **única responsável** pelo trabalho de cuidar dos seus filhos” (DE SOUSA; ROLIM, 2021, p. 3, grifo nosso).

Esse assunto perpassa as discussões sobre gênero e sociedade ao problematizar o papel das mulheres em condição de confinamento doméstico durante o exercício da profissão docente e com as responsabilidades que a maternidade implica. Antes da pandemia, muitas mulheres possuíam uma rotina organizada, deixando seus filhos em creches e escolas, saindo de casa ao amanhecer e retornando no fim do dia para ainda exercer o seu papel de mãe, dona de casa e esposa. Com a pandemia, outros contornos foram criados e a mulher docente, que é o nosso caso, por exemplo, teve que se reinventar para desenvolver funções que antes eram administradas presencialmente no ambiente escolar e ainda ser pesquisadoras, mães, e do lar em tempo integral. Pois,

A responsabilidade pelas tarefas domésticas e pelo cuidado dos filhos é **predominantemente feminina**, trabalho (re)produtivo ocultado, negligenciado e desvalorizado pelo contexto social. Embora a participação dos homens nas famílias pobres seja precária, persiste o modelo do homem como provedor financeiro e de autoridade. O papel

das mulheres no sustento econômico é invisibilizado e desqualificado, legitimando a crença de que o homem é o legítimo provedor da família [...] (NARVAZ; KOLLER, 206, p. 52; grifo nosso).

A predominância feminina no cuidado da prole e na realização do trabalho doméstico durante o isolamento pandêmico foi exacerbado e tal movimento silencioso de sobrecarga feminina precisa ser contextualizado historicamente, problematizado e trabalhado no sentido de buscar saídas que possam equalizar tais responsabilidades. Nesse sentido, justifica-se o debate deste artigo, que visa contribuir para a visibilização desta sobrecarga.

Após essas reflexões iniciais, os tópicos que se seguem, para além de meros contos de histórias, se constituem em dois relatos de experiência que se tornaram objeto de estudo e que compõem dois momentos diferentes da condição materna no contexto pandêmico. O primeiro relato constitui a descrição da maternidade instituída antes da pandemia e que, por causa desta, houve mudança abrupta na rotina. O segundo apresenta a descrição do início da prática maternal juntamente com o início da crise sanitária e a construção de uma rotina diferenciada de qualquer relato existente anteriormente, devido aos protocolos de saúde impostos em prol do bem comum.

[RE1] Vivenciando docência e maternidade: dois contextos que se entrecruzam tornando-se apenas um

No dia dois de fevereiro de 2016, às 15h, nasceu meu filho, com 39 semanas e três dias; durante o parto, estive acompanhada presencialmente pela minha mãe e, virtualmente pelo *WhatsApp*, pela minha amiga.

Em setembro deste mesmo ano, quando estava prestes a retornar ao trabalho na cidade de Betim, tive que pedir rescisão de contrato na prefeitura e me mudar para Ribeirão das Neves, município de residência do meu esposo. Estava morando, então, em uma cidade desconhecida, com um filho pequeno que ainda não havia completado um ano e precisava voltar ao trabalho, pois estava acostumada com meu salário e com a vida de docente. Durante um ano e três meses exerci exclusivamente o papel de mãe, mulher e dona de casa.

Enfim, no ano de 2018, retornei ao trabalho, agora na cidade de Ribeirão das Neves, como professora designada do estado de Minas Gerais; meu filho começou a frequentar uma escola particular de educação infantil, o que fez minha rotina de mãe, professora, esposa e dona de casa ter início de fato.

Nesse contexto, cabe ressaltar que as TDICs se faziam presentes na comunicação entre a escola do meu filho e nossa família, através de monitoramento das atividades realizadas pela escola em tempo real, comunicados, fotos e vídeos.

Paralelamente a esses acontecimentos, prosseguia com minhas tentativas de ingresso no mestrado em Educação. Segundo Elstor Hanzen (2021), em reportagem para o Jornal da Universidade, entre os alunos, 2,7% são pretos, 12,7% são pardos, 2% amarelos, menos de 0,5% indígenas e 82,7% são brancos. O meu intuito era poder contribuir para a mudança desses dados, pois sou uma mulher negra e meu desejo era mudar essa estatística.

Assim seguia me perguntando como ter tempo exclusivo para o estudo, sendo eu mãe, docente, esposa e ainda dona de casa? Mesmo com os inúmeros desafios, segui com o desejo de retornar para a academia e, principalmente, de estudar mais sobre a educação, campo de pesquisa que muito me intriga e me faz questionar as políticas públicas implantadas para esse segmento no país. Mais uma vez, as TDICs se fizeram presentes pois, durante as madrugadas, aproveitava o silêncio do lar para fazer leituras obtidas através de provedores de busca, que muito contribuíram para essa etapa que desejava iniciar.

Em 2019, a minha rotina mudou completamente, pois consegui um cargo no Estado de Minas Gerais, com 20 aulas divididas em 10 no turno da manhã e 10 no turno da tarde, distribuição que impactou diretamente a minha rotina diária como mãe, professora e esposa. Nessa época, comecei a utilizar um grupo de comunicação *WhatsApp* entre os alunos e pais, o que otimizou todo o meu trabalho, pois através dele enviava atividades, comunicados e ainda lembretes das atividades a serem realizadas; novamente uma das TDICs presentes no meu cotidiano escolar.

Para tal faceta, pedi a autorização da escola, porque era proibido o uso de celulares, tablets e notebooks durante as aulas; minha justificativa foi que estávamos vivendo outros tempos e a tecnologia se fazia presente e era uma

ferramenta que poderia contribuir para aproximar as famílias e os alunos com resultados positivos.

A tecnologia contribuiu também com a minha rotina quando a historiadora Barbara Quadros Riquetti¹ me incentivou a participar no processo de seleção do mestrado da UEMG. Sentando-se ao meu lado, no intervalo entre aulas, me ajudou a preencher o currículo Lattes pelo computador ou celular, entre outros requisitos para a inscrição. Orientou-me no pré-projeto, dando sugestões e incentivando-me durante todo o processo.

Nesse período, dediquei-me a inúmeras leituras e a escrever e reescrever; na última semana do mês de julho, dirigi-me à cidade de Betim, onde fui orientada pelo meu grande amigo Joaquim Pires dos Reis² nos retoques finais do meu pré-projeto. Consegui terminar tudo dentro do prazo necessário para o envio, todavia, não me sentia segura quanto às chances de ter meu trabalho aprovado.

Em meados de setembro, fiz uma prova com duas questões discursivas baseadas no livro de Afonso Celso Scocuglia (1997), intitulado *A história das ideias de Paulo Freire e a atual crise dos paradigmas*. Em outubro, recebi, através de um e-mail, a notícia de que havia passado na primeira etapa e que a próxima seria a entrevista. O correio eletrônico foi outra TDIC que viabilizou o meu acesso às informações. No dia da entrevista, outra tecnologia que se fez presente foi a gravação de todo o processo; fiquei satisfeita por ter chegado até aquele momento e ter ficado registrado tal feito. Em novembro, saiu a lista dos aprovados e meu nome não estava; segui o restante do ano em minha rotina habitual, mãe, professora, esposa e dona de casa.

Iniciei o ano de 2020 desempregada, não consegui retornar ao trabalho em fevereiro, como de costume. Passou-se o carnaval e logo estávamos em março e o mundo inteiro assustado com o vírus causador da Covid-19, que paralisou o planeta.

¹Graduada em História — licenciatura e bacharelado — pela Universidade Federal de Uberlândia, militante feminista, pesquisadora do movimento focando no subtema *Violência contra a mulher e culpabilização da vítima*.

² Mestre em Artes, Urbanidades e Sustentabilidade pela Universidade Federal de São João Del Rei, UFSJ. Com pós-graduação em Arte-Educação pela PUC/Minas; Planejamento, Implementação e Gestão da Educação a Distância (PIGEAD) pela Universidade Federal Fluminense, UFF; Mídias na Educação pela Universidade Federal de São João Del Rei, UFSJ; e Graduação em Licenciatura Artes Cênicas pela Universidade Federal de Ouro Preto, UFOP. Atualmente trabalha na Rede Municipal de Educação de Betim e Contagem, na área de Arte-Educação.

Não consegui voltar a trabalhar, porque as escolas fecharam suas portas e iniciaram uma nova modalidade de ensino, o **remoto**. Eu me vi desempregada, com um filho de quatro anos em casa, sofrendo por ter saído da rotina com a qual estávamos acostumados.

Então comecei a pensar em formas de ocupar o tempo do meu filho para que não sofresse tanto os impactos da restrição social imposta pela pandemia. A situação agravava-se com a minha situação de desemprego, as obrigações do lar e meu lado afetivo, que devia administrar durante essa crise sanitária no âmbito doméstico.

Quanto ao meu filho, optei por me fazer mais presente, dando atenção às pequenas coisas que a nossa rotina diária antes não permitia; passamos a fazer as refeições juntos, assistir programas infantis e às aulas on-line da escola onde ele estava matriculado; fazendo as atividades propostas, brincávamos com jogos pedagógicos. Em alguns momentos, permitia que ele utilizasse o tablet para gravar vídeos engraçados e brincar com jogos eletrônicos; fizemos uma pequena horta no quintal e assim fomos caminhando durante os meses mais críticos da reclusão. Nesse tempo, para complementar a renda, passei a vender doces e salgados pelas redes sociais e voltei a fazer leituras utilizando a internet através do notebook ou celular nos momentos em que meu filho estava dormindo.

Logo, me inscrevi no processo seletivo novamente e, dessa vez, tudo mudou. Fui aprovada em todas as etapas, embora, devido à pandemia, não tenha havido prova, somente análise de projeto, currículo e a entrevista *on-line* através da plataforma *Microsoft Teams*. Em dezembro de 2020, recebi a notícia de minha aprovação.

No ano de 2021, iniciei uma nova caminhada como discente no Mestrado em Educação; trabalhei como professora voluntária em um curso preparatório para jovens e adultos que desejam ingressar na universidade pública e, ainda, segui minha trajetória como mãe, companheira, dona de casa e empreendedora no ramo alimentício, produzindo doces e salgados para pequenas festas e consumo em família.

Reitero que, nos últimos dois anos, tivemos que nos adaptar ao trabalho e ao estudo remoto. Passei a lecionar redação de modo *on-line* através da plataforma *Google Meet* para os alunos e alunas do cursinho; no mestrado, seguimos em estudos remotos através da plataforma *Microsoft Teams*, com aulas *on-line* durante a tarde, três vezes por semana. Consegui dar a atenção necessária ao meu filho que, nesse período, estava com cinco anos, e sentia muito as restrições sociais que sofremos devido à pandemia; consegui cuidar dos afazeres domésticos, ministrar minhas aulas de redação e, principalmente, me dedicar ao mestrado.

Por fim, durante esse período tão difícil para a humanidade, busquei me adaptar à situação e seguir com meus projetos, conciliando as minhas diversas funções e ainda aprendendo a conviver, estudar e trabalhar a distância. O suporte das TDICs foi essencial para prosseguir com minhas funções acadêmicas, profissionais e até mesmo afetivas, pois através delas pude estar conectada com meus familiares e amigos.

[RE2] Condição materna iniciada em contexto pandêmico

Em 2019, eu e o meu companheiro planejamos ampliar a nossa família, a primeira filha de ambos. Contudo, apesar de todos os cuidados e acompanhamento do pré-natal, minha filha permaneceu sentada dentro do útero e nasceu com 34 semanas (8 meses), sendo necessário realizar um parto por cesárea no dia 18 de fevereiro de 2020. Apesar do susto, tudo correu bem e recebemos alta dois dias após o parto. Algumas semanas depois, noticiava-se em todas as mídias o decreto oficial de isolamento social, com a notícia de que a COVID-19 havia chegado ao Brasil. Minha maternidade começou com essa informação, que afetaria imensamente a vida de toda a família.

Deste modo, relato minha experiência como mulher, pesquisadora e professora alfabetizadora, apresentando uma reflexão crítica sobre aspectos positivos e negativos que permearam o primeiro ano de vida da minha filha, do meu aprendizado como mãe e os passos iniciais como mestranda em Educação na UEMG, cujo processo seletivo realizei virtualmente e que cursei remotamente.

Uma condição marcante que o vírus nos obrigou a assumir foi o distanciamento social, além dos cuidados de higiene constantes e o uso de máscara facial para evitar a propagação do vírus. Por um lado, esses cuidados são benéficos para uma criança recém-nascida, pois esses procedimentos são necessários ao visitar um bebê recém-nascido. Por outro lado, o aspecto negativo foi que o medo, a angústia e a insegurança, tanto para os visitantes, quanto para os visitados, impediram amigos e familiares de virem nos ver, ou seja, pouquíssimas pessoas nos visitaram.

Os meses seguintes foram de isolamento social e confinamento na casa dos avós maternos; os únicos lugares aos que ia com minha filha era o posto de saúde para as vacinas necessárias e os consultórios médicos. O único contato da minha filha com outras crianças ocorria quando os primos se reuniam na casa dos meus pais e era um momento de grande descontração em família. Uma TDIC muito presente era o *smarthphone* para interagir com outros familiares, gravando vídeos, áudios e enviando mensagens para diminuir a distância física.

Por ser mãe “de primeira viagem” e por manter um perfil de aprendizado constante, decidi procurar um aplicativo em que pudesse consultar o desenvolvimento esperado para cada mês de vida durante esse primeiro ano da minha filha, além de contar com o conhecimento de vida da minha irmã e da minha mãe. Assim, encontrei o *app* Kinedu, cuja função é oferecer aos pais orientações sobre desenvolvimento infantil com atividades baseadas na ciência, sessões de brincadeiras ao vivo, por especialistas. Segundo o Manual de Uso do Aplicativo, se ofereciam “consultorias e aulas de especialistas em sono, rotina, amamentação e outros temas relacionados ao desenvolvimento infantil, além de conectar você com outras famílias por meio de grupos de discussão” (KINEDU, s/d). Passei, também, a buscar vídeos informativos disponíveis no Youtube.

O pediatra alertou que eu deveria sair mais com a minha primogênita, mesmo no contexto pandêmico, para que ela pudesse ter um melhor desenvolvimento e a oportunidade de socializar com outras crianças e com pessoas de faixas etárias diferentes da dela, pois ela já estava com mais de um ano de vida e seu sistema imunológico já havia recebido as vacinas principais para assegurar a sua resistência básica.

No início de 2021, a vacina contra a COVID-19 estava sendo disponibilizada e a percepção era de que os índices de contaminação e óbitos haviam diminuído significativamente. Posteriormente, tal percepção foi confirmada na reportagem de Vitor Yukio Ninomiya, intitulada *Redução no número de mortes por covid-19: o que isso significa?* No Blog Coronavírus do estado de Minas Gerais, tem-se a notícia de que “Após quase 600 mil mortes registradas até o final de setembro de 2021, desde o início da pandemia, parece que, finalmente, está havendo uma redução no número de vítimas fatais por COVID-19” (NINOMIYA, 2021, n. p).

Nesse contexto, abordando as questões profissionais, no início do ano letivo de 2020, optei por trabalhar como referência 2 na rede municipal da prefeitura de Belo Horizonte, na qual ingressei em 2012; assim, as turmas teriam o mínimo de trocas possíveis de professoras ao longo do ano (BELO HORIZONTE, 2012). Para o sistema de organização pedagógica da prefeitura de Belo Horizonte, as turmas de estudantes devem ter um contato preferencial com um docente, denominado professor-referência 1. Esse fica com a maioria dos conteúdos disciplinares, com a responsabilidade de alfabetizar e letrar. Já os professores ministrantes das disciplinas específicas, os quais devem trabalhar de forma colaborativa no processo de alfabetização, têm um contato menor com a turma lecionada. No meu caso, estava com Arte e Literatura em duas turmas do 1º ano e em uma do 3º ano, que em fevereiro ainda era presencial, nessa última modalidade.

Quando terminou a licença maternidade, em agosto de 2020, senti a angústia e a ansiedade que minhas colegas docentes enfrentaram nos primeiros momentos de pandemia da COVID-19. O sentimento de abandono pedagógico e a angústia de ter o trabalho distante dos alunos, imputou uma sensação de incapacidade profissional. Sem o retorno das atividades das crianças, era difícil realizar o planejamento embasado no processo de ensino e aprendizagem durante o Ensino Remoto Emergencial (ERE). Estas foram as características que marcaram os primeiros momentos de regresso ao trabalho, até o final de 2020. Por ter se estabelecido o ERE, a organização pedagógica da escola foi modificada, atividades impressas deixaram de ser emitidas pela escola, passando a ser enviadas virtualmente. Com isso, as professoras do 2º ano se organizaram em um grupo

colaborativo no *WhatsApp*, tendo reuniões para planejamento coletivo de atividades para as suas três turmas. A iniciativa deste grupo de professoras foi essencial para mim em vários aspectos e assegurou um norte para chegar razoavelmente ao final do ano.

O ano letivo de 2021 continuava com o cenário incerto devido à persistência da pandemia, contudo, mudanças na organização pedagógica da escola permitiram que esse ano fosse menos tempestuoso do que o anterior e foi possível utilizar diversas TDICs para elaboração das atividades remotas.

Em meio a tantas intempéries na profissão, após seis anos tentando ingressar na pós-graduação *strictu sensu*, fui aprovada no Mestrado em Educação na UEMG e as aulas iniciadas em março aconteceram remotamente, o que me remete ao objetivo deste relato, que foi pontuar que, naquele momento, as TDICs ofereceram possibilidades para a otimização de minha prática.

Enfim, professora e estudante em *home office* e mãe em tempo integral, durante o período de isolamento social foi possível conciliar todas essas dimensões, com o suporte das TDICs, elaborando as aulas com atividades interativas, gravando vídeos, participando de reuniões para planejamento com outras professoras ou, ainda, frequentando as aulas síncronas do mestrado por meio da plataforma do *Microsoft Teams*. Foram percorridos itinerários virtuais em que eu podia amamentar, cuidar da higiene da minha filha ou dar-lhe o calor materno que necessitava e participar da reunião da escola, de alguma formação indicada ou das disciplinas obrigatórias do curso de pós-graduação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Discorrer sobre o perfil de docente e pesquisadora implica perceber a sobrecarga de tarefas, pois nas “sociedades capitalistas, a mulher padece dessa dupla carga: a opressão, o preconceito, a marginalização pela sua condição feminina e, por outro lado, a exploração econômica [...]” (QUIRINO, 2015, p. 235). Na construção deste artigo, acrescenta-se a imputação de uma jornada polivalente como cuidadoras da prole, trabalhadoras domésticas, pesquisadoras e profissionais docentes em contexto pandêmico.

Louro (2007, 2008) nos induz a refletir sobre corpo e sexualidade. Quirino (2015) nos leva a pensar bem na questão polivalente enquanto mulheres trabalhadoras, pois estamos adoecendo com a sobrecarga que foi nos imputada, com o machismo social e a sociedade patriarcal (NARVAZ; KOLLER, 2006).

As leituras realizadas apontam que não existe igualdade, a carga horária profissional e doméstica é extremamente forçada e desgastante no que diz respeito ao gênero feminino. Durante a discussão veio à tona que até mesmo no processo seletivo presencial do mestrado questionou-se quem cuidaria do filho para que eu estudasse. Ou seja, mais do que sobrecarregadas, estamos exaustas e sem apoio em muitos casos.

Os dois últimos anos foram atípicos e com sequelas marcantes, porém, durante nossa discussão, ficou evidente que as TDICs ofereceram possibilidades para a otimização de nossas práticas, enfatizando a profissionalidade; pensamos que os direitos puderam ser assegurados, entretanto, no que é inerente ao nosso bem-estar, como mulheres; se pode pontuar um aspecto negativo, devido à exacerbação do trabalho doméstico.

Na percepção que construímos, refletimos que em nossas vivências optamos por ser mães, conscientes de que existem condições que envolvem a maternidade bem adversas das nossas. A partir do momento em que colocamos um filho no mundo, optamos por ser mãe antes de qualquer outra coisa, a partir da nossa construção histórico-social. Para nós, é fato que pensamos primeiro em nossos filhos antes de qualquer outro assunto, assim como nos questionamos sobre para que trabalhamos e por que investimos nossos maiores esforços na qualidade da criação de nossas crianças.

Na atual sociedade, trabalhar é uma atividade essencial para homens e mulheres, não somente pela condição de se manter financeiramente, mas pela dignidade de viver inserido em uma sociedade valorativa.

A divisão sexual do trabalho, como base material do sistema sexo-gênero, concretiza e dá legitimidade às ideologias, representações e imagens de gêneros; estas, por sua vez, fazem o mesmo movimento em relação às práticas sociais que segregam as mulheres nas esferas reprodutiva-produtiva, num eterno processo de mediação (QUIRINO, 2015, p. 236-237).

Em nossas leituras de mundo, constatamos que o trabalho feminino é uma maneira de se impor à sociedade, de conquistar espaço no mundo à sua volta e ainda ter condições de lutar contra os desafios impostos pela segregação supracitada. Partindo dessa afirmativa, entendemos, através de nossa experiência com a maternidade e o mundo do trabalho, que necessitamos trabalhar para manter nosso amor-próprio e sanidade mental em dia, bem como dar o exemplo para os nossos filhos de que o trabalho, por mais difícil ou complicado que seja, é essencial e traz brio e respeito para os que ousam sair de suas casas e enfrentar o mundo em busca de melhores condições.

Em relação à questão das TDICs, pontuamos que seu uso proporcionou qualidade ao tempo dedicado às nossas crianças, principalmente durante o ERE, pois em caráter de isolamento doméstico, nos reinventamos para dar conta de gerir nossa polivalência.

Obviamente, não existem absolutos em termos de estratégias e resultados em educação no Brasil, pelas suas características de país continental, de enormes diferenças culturais, econômicas, comunicacionais. A comunicação é um dos elementos mais importantes entre todos os processos, em especial, no de ensino-aprendizagem; é ela que possibilita a metodologia do professor a partir da forma como ele conduz a sua aula, que se torna um ambiente motivador ou não. Assim, embora se tenha, em grande medida, aproveitado as boas oportunidades oferecidas pelas comunicações via tecnologia digital, é inegável que houve também desconforto, pela imensa diferença financeira, de recursos materiais para a viabilização desses processos. No caso do Brasil, as mulheres e as crianças não só sofreram com a pandemia, como sofreram de formas diferenciadas, tal a imensa assimetria entre as classes sociais e os modos de viver do povo brasileiro. Não existe “a mulher brasileira”, existe uma variedade de mulheres brasileiras, diferentes em especial em sua condição socioeconômica. Wenczenovicz (2020), ao abordar essas questões complexas, diz que:

Como apontado, dentre os obstáculos do ensino emergencial remoto também destacam-se as questões estruturais, ou seja, os problemas de acesso a computadores e de conexão com internet, a falta de espaço apropriado para o estudo a domicílio/em casa e a relação família-escola. Se na modalidade presencial já havia um hiato entre a escola e os núcleos familiares, no momento de singularidade — isolamento social — as

distâncias aumentam e a dificuldade de professores entrarem em contato com os pais dos alunos torna-se maior. Outro fator a não se desconsiderar é o fato da baixa escolaridade dos familiares. Inúmeros são os relatos em que os responsáveis não conseguem acompanhar as demandas da escola (WENCZENOVICZ, 2020, p. 1756).

Em texto publicado no início da pandemia, a autora apresentou dados do acesso à internet, nos domicílios nacionais. Diz a ela:

Segundo a pesquisa TIC Domicílios, divulgada em 2019, apenas 44% dos domicílios da zona rural brasileira têm acesso à internet. Na área urbana, o índice é maior: 70% dos lares estão conectados. Desse total a maior quantidade de casas conectadas encontra-se na Região Sudeste, entre 69,9 e 73,0%, e a menor quantidade na Região Nordeste, entre 57,0 e 60,2%. As diferenças ficam ainda mais evidentes ao se analisar cada classe social: entre os mais ricos (classes A e B), 96,5% das casas têm sinal de internet; nos patamares mais baixos da pirâmide (classes D e E), 59% não consegue navegar na rede. Já entre a população cuja renda familiar é inferior a 1 salário-mínimo, 78% das pessoas com acesso à internet usam exclusivamente o celular (WENCZENOVICZ, 2020, p. 1757).

Em relação à zona rural, as escolas também apresentavam dificuldades estruturais, em especial, no que tange ao acesso à tecnologia. Se, na zona urbana, a grande maioria das escolas foram apontadas com pelo menos um computador com acesso à internet, no interior, o número cai e nem sempre o computador está livre para uso dos alunos. Segundo Wenczenovicz (2020):

De acordo com a pesquisa TIC Educação 2018, realizada pelo Comitê Gestor da Internet no Brasil (CGI.br), 43% dessas escolas não têm internet por falta de estrutura na região e 24% delas apontaram o alto custo da conexão. Enquanto na zona urbana 98% das escolas têm ao menos um computador com acesso à internet, nas escolas rurais o índice cai para 34% (WENCZENOVICZ, 2020, p. 1758).

Os relatos de experiência ([RE1] e [RE2]) aqui apresentados representam casos de sucesso, podemos dizer assim; porém, não podemos deixar de lembrar destas outras milhares de mães que viram seus empregos desaparecerem, as escolas fecharem e deixarem seus filhos para o lado de fora, sabendo que as ferramentas de comunicação, via tecnologia, estavam além de suas condições financeiras e de conhecimento.

As populações desfavorecidas sofreram com essas diferenças e as escolas tiveram um estremecimento em suas relações e suas culturas organizacionais. Diz Chiavenato:

Cada organização tem as suas características próprias, sua personalidade, seu modo de ser e de acontecer e as suas peculiaridades. Em resumo, cada organização tem a sua cultura. [...] A cultura é um importante conceito para se compreender as sociedades humanas e os grupos sociais. [...] A cultura tem um sentido antropológico e histórico, porque ela reside no íntimo de cada sociedade ou organização. É ela que distingue a maneira pela qual as pessoas interagem umas com as outras e, sobretudo, pela qual se comportam, sentem, pensam, agem e trabalham. Cada sociedade, cada organização, tem a sua cultura específica e que proporciona as suas características próprias de pensar, sentir e agir (CHIAVENATO, 2004, p. 158).

Os estabelecimentos de ensino são organizações formais, pautadas por legislação, ritos, organogramas, de maneira a otimizar e unir os seus mais diferentes segmentos. O ingresso no isolamento físico em processos que se pautavam pela presencialidade afetou os mais diversos pontos das culturas organizacionais, desde os ambientes (internos e externos), os artefatos (de objetos passíveis de toque, de peso, de cheiro, para objetos virtualizados, digitalizados, por exemplo, o papel), até os valores compartilhados sofreram um impacto. Muitos educadores eram contra o uso massivo da tecnologia digital de comunicação nas salas de aula, ou substituindo as salas de aula, mas acabaram tendo que se adaptar e fazer o seu melhor, em um processo novo, utilizando técnicas e estratégias com as quais, por vezes, não concordavam, ou que não se sentiam aptos a manejar.

As crenças de que a inserção do educador e do educando no seio da comunidade, presencialmente, com compromisso, com calor humano, pilares da boa educação, sofreram um abalo, ao saber que tudo isso teria de ser a partir dos lares, tanto dos docentes, quanto dos discentes. A grande maioria dos alunos não abria suas câmeras e, desta forma, os docentes acabavam com a sensação de estar falando sozinhos. O sentimento de construção que unia muitos dos professores mais antigos aos mais novos, passou a dar espaço para o pânico do desconhecimento daqueles instrumentos, pelos mais antigos, e a falta de paciência dos mais novos, considerando que precisavam estar sentados, utilizando apenas sua voz, seus olhos, material digitalizado e fim. Nada de passeios educativos, trilhas, visitas a ambientes externos importantes para seus componentes curriculares. Os sentimentos compartilhados passaram de expectativas para luto. As ações passaram a ser de sobrevivência, da melhor forma, com o que se tinha.

Porém, talvez o luto mais difícil tenha sido a fragmentação da fisicalidade da escola, da creche, da universidade. Como num joguinho de videogame, prédios grandes, com portas, escadas e janelas grandes, sólidas; ginásios de esporte; bibliotecas; museus de ciência se fragmentaram e tiveram de ser ressignificados no âmbito do digital.

A decisão administrativa de seguir em frente foi uma adaptação positiva, unificadora, no meio do caos. A velha e boa escola continuou com seu acolhimento e com sua forma ampla de agasalhar o ensino, a pesquisa e as atividades junto à comunidade, todavia, a um custo enorme. Houve perda nos fluxos e intercâmbios de informação, materiais e energia; logo, as entradas foram afetadas, assim como as saídas e os resultados. O sistema educacional continuou funcionando, mas com reestruturação em termos de funções, de entradas, processamentos e saídas, adaptados para o universo digital.

Sem dúvida, um abalo nas estruturas mais sólidas de um sistema que vive no contraditório entre manter a estabilidade no âmbito do que é tradicional e ser instável, no sentido de acompanhar as inovações e as incertezas de um mundo que se reinventa a cada dia. Ao fazer uma pesquisa exploratória rápida, no site de navegação e busca Google, a partir das palavras: “e-book educação na pandemia”, em menos de um minuto, foram encontradas 8,950,000 ocorrências, entre vídeos, e-books, artigos, sites de editoras, sites de universidades, entre outros³. Estreitando a pesquisa para o Google Imagens, a quantidade de capas livros e de cartazes de webinars é significativa; fotos de professores em suas salas de aula virtual, jovens e crianças com os notebooks abertos em alguma atividade escolar são repetidamente expostas, trazendo um pouco do que foi este movimento mundial, gigante, que forçou as organizações de ensino a repensarem suas culturas educacionais e as famílias a repensarem os sentidos dos ambientes de formação externos à casa familiar.

A palavra “reinvenção” passou a ser a chave para qualquer pessoa transformar as dificuldades oriundas do isolamento em função da Covid-19, em evolução familiar, profissional e cultural, mas não se pode deixar apagada a

³ Pesquisa realizada de maneira informal em 17/05/2022 às 14h47min.

importância da reinvenção da própria sociedade em termos econômicos, melhor distribuição de terra e de renda, e de justiça ecológica e social.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início deste artigo foi proposto como objetivo geral apresentar nossas histórias profissionais e acadêmicas de vida, visando analisá-las de modo científico e sistemático alinhado aos aportes teóricos. Ao chegar às considerações finais, pontuamos que obtivemos êxito, pois foi possível discorrer sobre o que temos experienciado durante a pandemia, na polivalência entre o pessoal e o profissional. Nas discussões para a construção deste artigo, vários aspectos foram debatidos, problematizados e socializados ao pensar sobre a condição materna, somada à condição de mulher e ainda como atuantes no mercado de trabalho e engajadas em pesquisas científicas.

O debate realizado sobre se, e como, as TDICs ofereceram possibilidades para a otimização de nossas práticas enfatizando a profissionalidade, os direitos e o bem-estar, permitiu que identificássemos o quanto tais tecnologias serviram de suporte em diferentes momentos; isso ficou evidenciado nos relatos sobre o desenvolvimento de nossas várias funções, no sentido de otimizar e gerir o tempo entre o desempenho de cada função. Evidentemente, as TDICs faziam parte do cotidiano maternal antes da pandemia, mas o uso tornou-se exacerbado quando o período pandêmico nos impôs o isolamento doméstico.

Assim, durante a pandemia, podemos confirmar que a carga que muitas mulheres receberam de trabalho e responsabilidade estava, e ainda está, invisível para a sociedade. No entanto, mesmo assim, muitas seguem enfrentando todo esse contexto desigual, almejando ter seu espaço social como trabalhadora e pesquisadora reconhecido. Os papéis de mãe, esposa e dona de casa lhes foram atribuídos desde a colonização até os dias atuais. O ponto positivo constatado é que, ao poder realizar as atividades remotamente, a qualidade do tempo com nossas crianças pôde ser melhorada e evitaram-se despesas e preocupações sobre quem poderia cuidar delas se estivéssemos no presencial, no exercício da docência e no curso de Mestrado em Educação.

Concluindo, apesar de trazerem experiências pessoais, tendo por inspiração as reflexões de Ingold (1994), entendemos que esses relatos podem extrapolar a singularidade de cada mãe, no sentido animal, para apresentar um ser humano representativo de espécie simbólica, imerso em uma extensão de sentimentos complexos e de circunstâncias limites — com diferenças entre classes sociais, enfrentamento de culturas tradicionais, o que acaba por representar boa parte das idiosincrasias das nossas humanidades, as quais precisam ser entendidas, incluídas e respeitadas.

REFERÊNCIAS

ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa**. 2. ed. São Paulo: Pioneira, 1998.

CHIAVENATO, I. **Administração nos novos tempos**. 2. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

DALTRO, M.R.; FARIA, A.A. Relato de experiência: Uma narrativa científica na pós-modernidade. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 1, 223-237, 2019. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/43015> Acesso em: 15 fev. 2022.

DE SOUSA, Kássia Mota; ROLIM, Kethley Horranna Bezerra. Quem pariu mateus que o embale: a experiência do home office para as mães trabalhadoras da educação durante a pandemia da covid-19. In: CONGRESSO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA, 18., 2011, Campina Grande. **Anais [...]**. Campina Grande: UFCG, 2011. Disponível em: https://posgraduacao.ufcg.edu.br/congresso/arquivos/breedingforms/uploads/2021_09_09_18_57_37_Relatoriofinal_VersaoFinal_.pdf . Acesso em: 1 fev. 2022.

HANZEN, Elstor. Mesmo sendo maioria na população brasileira, negros ainda têm baixa representatividade no meio acadêmico. **Jornal da Universidade**, Porto Alegre, 18 nov. 2021. Disponível em: <https://www.ufrgs.br/jornal/mesmo-sendo-maioria-na-populacao-brasileira-negros-ainda-tem-baixa-representatividade-no-meio-academico/>. Acesso em: 1 fev. 2022.

IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Projeção da população do Brasil e das Unidades da Federação. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://www.ibge.gov.br/apps/populacao/projecao/index.html>. Acesso em: 03 jan. 2022.

INGOLD, Tim. Humanity and Animality. In: INGOLD, Tim (ed.). *Companion Encyclopedia of Anthropology*. Tradução de Vera Pereira. Londres: Routledge, 1994.

p. 14-32. Disponível em: <http://www.iea.usp.br/eventos/cursos/ingold-humanidade>. Acesso em: 29 maio 2022.

KINEDU. **Manual**. Disponível em: <https://blog-pt.kinedu.com/> . Acesso em: 30 maio 2022.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: DEL PRIORE (org.) **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2008.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico-metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte. n. 46. p. 201-218, dez. 2007.

QUAL A DIFERENÇA entre SARS-CoV-2 e Covid-19? Prevalência e incidência são a mesma coisa? E mortalidade e letalidade? **Instituto Butantan**, Rio de Janeiro, [s. d.]. Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade>. Acesso em: 12 fev. 2022.

NARVAZ, Martha Giudice; KOLLER, Sílvia Helena. Famílias e patriarcado: da prescrição normativa à subversão criativa. **Psicol. Soc.**, Porto Alegre, v. 18, n. 1, p. 49-55, abr. 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/psoc/a/VwnvSnb886frZVkBBDpL4Xn/?lang=pt>. Acesso em: 12 jan. 2022.

NINOMIYA, Vitor Yukio. Redução no número de mortes por covid-19: o que isso significa? In: **Blog Coronavírus**. Estado de Minas Gerais. Publicado em: 01 dez. 2021. Disponível em: <https://coronavirus.saude.mg.gov.br/blog/339-reducao-no-numero-de-mortes-por-covid-19>. Acesso em: 29 maio 2022.

BELO HORIZONTE. Prefeitura de Belo Horizonte. **Desafios da formação**. Proposições curriculares, ensino fundamental, textos introdutórios, rede municipal de educação de Belo Horizonte. Belo Horizonte: Secretaria de Educação, 2012. 51 p. Disponível em: <https://prefeitura.pbh.gov.br/sites/default/files/estrutura-de-governo/educacao/2021/proposicoes-curriculares-ensino-fundamental-textos-introdutorios-desafios-da-formacao.pdf>. Acesso em: 24 jan. 2022.

MÃE. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online]. Lisboa: Priberam, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/m%C3%A3e>. Acesso em: 12 fev. 2022.

MATERNIDADE. In: Dicionário Priberam da Língua Portuguesa [online]. Lisboa: Priberam, 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/maternidade>. Acesso em: 12 fev. 2022.

QUIRINO, Raquel. Divisão sexual do trabalho, gênero, relações de gênero e relações sociais de sexo: aproximações teórico-conceituais: em uma perspectiva

marxista. **Revista Trabalho & Educação**, Belo Horizonte, v. 24, n. 2, p. 229-246, maio/ago. 2015.

SCOCUGLIA, Afonso Celso. **A história das idéias de Paulo Freire e a atual crise dos paradigmas**. João Pessoa: Editora Universitária, 1997.

TDIC NO Ambiente Escolar – Como implementar? **SAE DIGITAL**, São Paulo, [s. d.]. Disponível em: <https://sae.digital/tdic-no-ambiente-escolar/>. Acesso em: 29 maio, 2022.

WENCZENOVICZ, T. J. Ensino a distância, dificuldades presenciais: perspectivas em tempos de COVID-19. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 15, n. 4, p. 1750–1768, 2020. DOI: 10.21723/riaee.v15i4.13761. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13761>. Acesso em: 12 out. 2021.

WHO. **WHO-convened global study of origins of SARS-CoV-2: China Part**. Disponível em: <https://www.who.int/publications/i/item/who-convened-global-study-of-origins-of-sars-cov-2-china-part>. Acesso em: 05 dez. 2021.

Recebido em: 31/05/2022

Parecer em: 26/06/2022

Aprovado em: 29/06/2022